

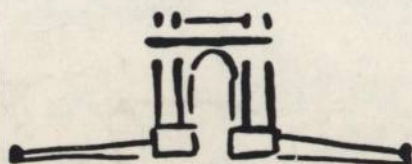
IMPRESSÕES ITINERANTES

Casa da Cultura da América Latina
Escola de Artes Visuais do Parque Lage
convidam para a exposição

IMPRESSÕES ITINERANTES

de 13 de maio a 04 de junho de 1996

Galeria da Casa da Cultura da América Latina
SCS Q. 04 Ed. Anápolis Subsolo Brasília



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE



Universidade de Brasília
Decanato de Extensão

Este projeto é o resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido no atelier de Serigrafia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage desde 1991. Foram convidados artistas de diferentes gerações, sendo estes, porém, reconhecidos pela trajetória e continuidade do trabalho para mostrar através de suas diferenças, um leque abrangente das possibilidades de expressão em serigrafia.

A importância do desenvolvimento deste projeto é permitir que seja privilegiado o caráter experimental da produção, uma vez que possibilita ao artista desenvolver um trabalho de pesquisa acompanhado de uma assessoria técnica, dispondo de um tempo, que em outra circunstância, como num espaço de caráter comercial, tornar-se-ia inviável pelo alto custo de manutenção da infra-estrutura do atelier.

A EAV destaca-se pelo pioneirismo de ter aberto suas portas para este projeto, dando sua contribuição para incentivar o uso da linguagem serigráfica e proporcionar a um número maior de artistas o acesso a esta forma de expressão.

Eu, como editora, produtora e impressora, vejo o meu trabalho como um reflexo do meu desejo, da minha curiosidade e de uma filosofia que se foi estruturando com o tempo. Nada acontece aleatoriamente, pois faz parte de um processo onde há uma intensão prévia, muitas vezes impulsionada apenas pela intuição.

Quando criança, fascinava-me o processo de transformação das coisas. Observava com frequência minha avó cozinhando ou envolto por seus panos e novelos no quarto de costura. Era admirável a sua habilidade manual e toda aquela magia que a rodeava, onde gosmentas claras de ovos agitadas por um rudimentar aspiral de arame transformava-se em neve e posteriormente em pão-de-ló ou suspiro. Retalhos de tecidos costurados tornavam-se colchas e novelos coloridos em sapatinhos de recém-nascido. Passei a entender vida como um processo de montagem de um jogo de quebra-cabeça imaginário que ao tomar corpo transforma-se no objeto do desejo de quem faz, de quem vê ou de quem experimenta.

A gravura especificamente impressa em serigrafia, que é a técnica a que me dediquei a aprender por achar a mais contemporânea das técnicas gráficas artesanais, pela sua agilidade e riqueza de recursos, transportou-me de volta a este universo de imagens lúdicas da infância, sendo que inserida numa abordagem muito mais complexa e subjetiva.

A relação que cada pessoa estabelece com aquilo que faz reflete seu próprio grau de exigência. Como impressora, minha exigência vai um pouco além do ato mecânico de imprimir. É fundamental que haja uma sintonia e uma integração com o artista durante o processo de trabalho. É um momento onde o artista se revela e o impressor transforma-se num instrumento para a projeção da imagem, porque é ele, impressor, quem vai fornecer as possibilidades de traduzir a idéia ou a imagem já elaborada, para a técnica utilizada. Quanto mais sensibilidade o impressor tiver da expectativa do artista quanto ao resultado desejado e quanto mais intimidade com, os elementos e as cores que ele utiliza, mais ele poderá auxiliá-lo a elevar a qualidade desta transposição, alcançando assim o ideal pretendido. Considero o trabalho de impressor pertencendo à categoria de sofisticado artesanato e não de arte, pois o impressor deve ter como objetivo alcançar cada vez mais o aperfeiçoamento e o domínio da técnica enquanto o artista tem como objetivo a busca pela criação, desenvolvimento e aprimoramento de uma linguagem autoral. É importante esta clareza de consciência para distinguir o campo de atuação entre um e outro, pois só assim é possível o exercício da plena liberdade e integração entre ambos.

O ciclo da gravura começa no atelier do artista, passa pelo processo de impressão onde a imagem é dissecada tornando cada cor um fragmento isolado e depois recomposta por sucessivas sobreposições. A gravura, uma vez pronta, tornar-se-á pública. Seja qual for o local onde permanecerá exposta interferirá no cotidiano de um grande número de pessoas.

A obra de arte tem vida própria.

Reila Gracie

ARTISTAS DA COLEÇÃO DE GRAVURAS

Anna Bella Geiger

Anna Maria Maiolino

Arthur Barrio

Beatriz Milhazes

Burle Marx

Carlos Scliar

Celeida Tostes

Cildo Meireles

Cláudio Kuperman

Cristina Salgado

Djalma Paiva

João Carlos Goldberg

João Grijó

João Magalhães

KatieVan Scherpenberg

Ligia Pape

Luiz Áquila

Luiz Alphonsus

Luiz Ernesto

Manfredo Souzanetto

Paulo Paes

Ricardo Basbaum

Simone Michelin

Suzana Queiroga

Tomoshige Kosuno

ARTISTAS DA COLEÇÃO DE CARTÕES

Abelardo Zahar

Amélia Toledo

Anna Bela Geiger

Beatriz Milhazes

Carlos Scliar

Cildo Meireles

Cristina Salgado

Giodana Holanda

Glauco Rodrigues

Guianguido Bonfanti

Guilherme Secchin

Iberê Camargo

João Carlos Goldberg

Luiz Alphonsus

Malu Fatorelli

Mô Toledo

Mollica

Nelson Augusto

Roberto Magalhães

Rubens Gerchman

Simone Michelin

UMA (rara) EDITORA DE IMAGENS SERIGRÁFICAS: REILA GRACIE

A serigrafia é, na origem, uma técnica de impressão praticada milenarmente no Oriente. O mundo ocidental só começa a se interessar por esta técnica no final do século XIX e mesmo assim apenas no âmbito industrial.

No século XX a serigrafia passou a ser utilizada no campo editorial e, depois, no publicitário. O desenvolvimento da serigrafia enquanto meio de expressão artística só ocorreu depois da II Guerra Mundial de modo que, na perspectiva da arte ocidental, ela é uma técnica que recentemente ampliou as possibilidades da expressão gráfica. Assim, a serigrafia na segunda metade do século XX passa a ser praticada por um conjunto de artistas de grande expressão tais como: Arp, Vieira da Silva, Vasarely e Warhol.

No Brasil a serigrafia como expressão artística vai ser experimentada apenas na segunda metade dos anos 50. Neste momento, foi decisiva a atuação de Mário de La Parra que, pioneiramente, interpretou em técnica serigráfica obras de artistas brasileiros tais como Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Marcier, Maria Leontina, Milton Dacosta, Iberê Camargo, Volpi, Bandeira, Krajcberg, Ione Saldanha e Aluísio Carvão.

A produção de Mário de La Parra nos anos 50 foi tão importante para o desenvolvimento da serigrafia enquanto processo gráfico de produção de obras de arte quanto a de Dionísio Del Santo nos anos 60/70 - um notável artista plástico que em paralelo à construção de uma obra gráfica própria atuou na produção de obras serigráficas para outros artistas brasileiros.

Nos anos 80 e 90 Reila Gracie - editora e impressora de imagens serigráficas - desenvolveu um trabalho de grande envergadura. Desde 91 produziu na EAV (por enquanto) imagens de 36 artistas brasileiros contemporâneos. E mais: propõe-se a fazê-las circular pelo país - continente expondo não só no Rio de Janeiro, onde foram produzidas mas também em Florianópolis, Porto Alegre, João Pessoa, Ouro Preto, Belo Horizonte, Curitiba e Brasília.

Apresentando 60 obras com formatos e funções diferenciadas- destacando-se os 24 cartões de 15 autores diferentes que resgatam uma vasta (e pouco estudada) prática dos artistas plásticos brasileiros - Reila Gracie está promovendo, sem dúvida, uma difusão desta modalidade de expressão gráfica, num país de tantas restrições à produção visual contemporânea. Não dá para discutir: Reila Gracie é uma editora de imagens serigráficas de seu tempo e de seu espaço. Felizmente.

Rio de Janeiro, 05 de março de 1996

George Kornis
Professor de História e Teoria da Gravura